



Ricardo Rodrigues

O que se pretende com esta *Viagem ao Passado*? Em primeiro lugar, provar que as Cavalcadas de São Pedro, através das descrições mais antigas que se conhecem, as quais remontam a 1856, curiosamente, o ano do lançamento do Jornal *A Estrela Oriental*, mantiveram uma estreita ligação ao Culto do Divino Espírito Santo, facto esse que, se bem que de um modo muito residual, é ainda manifesto na sua actual dinâmica. Em segundo lugar, mostrar que a Folia, ou um outro Carnaval, com todas as reticências das Instituições, desde logo, a elas se agregou, situação que ainda hoje se mantém residualmente viva através das conhecidas Comédias de São Pedro. Finalmente, fazer passar a ideia de que, dentro do universo da documentação que se conhece, as Cavalcadas saltaram de uma esfera social de apropriação, o *Povo*, onde ao que parece o Espírito Santo e as folias carnavalescas eram preponderantes, para uma outra, a *Elite Dirigente*, que as estilizou e as ligou ao Feriado Municipal (29 de Junho). Com esta *Viagem ao Passado* não se deseja defender uma tese académica, nem tão pouco fazer do seu conteúdo verdades inofensáveis, pretende-se tão-só levar ao grande público um conjunto de elementos, os quais consideramos serem inovadores, que o possam ajudar a se libertar das visões lendárias e até repetitivas que à volta das Cavalcadas tendem a persistir. Não queremos com isso dizer que as lendas e a cultura popular oral não tenham valor. Têm e muito. No entanto, o que se deseja alcançar é a ideia de que as

mesmas podem, em qualquer momento, ser ultrapassadas ou, no mínimo, problematizadas.

As Cavalcadas, o Espírito Santo e a Folia
Um outro Carnaval: de São João a São Pedro
A descrição de Joaquim Cândido Abranches, em 1882

“No dia do precursor de Cristo, 24

de Junho, ao raiar da aurora, um bando de homens a pé, percorrem as extensas ruas da Vila, tangendo diversos e desentoados instrumentos musicos, a fim de advertir aos que cinco dias depois têm de fazer parte da cavalcada. O dia 29 é esperado pelos moradores da Vila e seus arredores com grande ansiedade. São dez horas da manhã. Os sinos da paróquia de São Pedro repicam alegremente. Dentro officiam venerandos sacerdotes.

Enchem de acórdãos sons o ambiente do templo as vozes do órgão e dos cantores. No largo, em frente da igreja, apinha-se uma multidão imensa, confundindo suas vozes desentoadas com o estridor de inúmeros tambores, rabecas, violas e concertinas. Findou a festa na igreja. **Põe-se a multidão em ordem e desfila. Na frente marcha o maioral vestido a capricho, montando em bem enfeitado cavalo, o rosto do**

cavaleiro é vendado por densa máscara, na cabeça avulta-lhe imenso chapéu, ornado de inúmera porção de cordões de ouro, brincos e outras jóias do mesmo metal, que tudo junto forma um valor excedente a 600 mil réis. Seguem-no quinze ou vinte cavaleiros adornados como ele, mas sem máscara. Atrás caminha a multidão em grande número, mascarada e a pé, uns conduzindo uma récuca de

As Cavalcadas há 145 anos Primeira descrição conhecida

A ESTRELLA ORIENTAL.

Segundo o Dr. Carreiro da Costa, Historiador e Etnólogo lagoense, as primeiras referências escritas conhecidas acerca das Cavalcadas de São Pedro devem-se a José de Torres, em meados do século XIX, num trabalho integrado nos *Fastos Micaelenses* e a Joaquim Cândido Abranches, em 1882. A notícia vinda a lume no Jornal *A Estrela Oriental*, de 2 de Julho de 1856, divulgada por nós no Apêndice Documental, II Volume, da tese de Mestrado sobre a *Vida e a Obra de Madre Margarida Isabel do Apocalipse*, em 1996, é inédita e prova a ligação das Cavalcadas aos festejos do Espírito Santo.
A Estrela Oriental e a primeira descrição conhecida das Cavalcadas

de São Pedro, em 1856: Os festeiros da primeira Dominga do Espírito Santo da Ribeira Seca e de Santa Bárbara

“Festividade de S. Pedro - No dia 28 à noite houve arraial no Largo da igreja, ornado de muitas bandeiras e fogo de vistas. A Filarmónica tocou muito bonitas e variadas peças de música, sendo numerosa a concorrência tanto desta Vila, como das imediações. No dia seguinte houve missa cantada acompanhada pela Filarmónica, sendo orador o reverendo Benevides, Beneficiado da Matriz de Ponta Delgada.

Acabada a função reuniram-se os festeiros da primeira

Dominga do Espírito Santo daquela freguesia e Lomba de Santa Bárbara ricamente vestidos, e montados em cavalos com as bandeiras do Espírito Santo largas, assim percorreram as ruas de todas as freguesias desta Vila, sendo seguidos de um variado número de máscaras.”

Na mesma Notícia: O Ambiente Festivo

“Festas de São João - No dia 23 de Junho passado, na praça desta Vila houve um lindo e variado fogo de vistas; foi grande a concorrência de espectadores. A praça achava-se embelezada com grande número de bandeiras, e arborizada; notando-se no centro uma grande e linda roseira do Japão, tendo 4 metros de altura [...], parecendo aos espectadores um novo Éden à margem da grande ribeira. No dia

24 na igreja da Misericórdia Velha, celebrou-se com toda a pompa e solenidade, uma missa cantada; acompanhada de Piano e Rabecão, cantou o Ilustríssimo Senhor António Júlio Mello, a pedido de vários amigos, do que em geral muitíssimo agradou a todos os concorrentes. A igreja estava ricamente ornada, e foi numeroso o concurso de pessoas de um e outro sexo. No dia 23 à noite houve igualmente fogo de vistas na freguesia de S. Pedro, na Ribeira Seca, tocando a Filarmónica variadas peças de música nos intervalos, ao que fez concorrer grande número de espectadores. No dia seguinte teve lugar a festa de São João, na igreja paroquial da mesma freguesia; que se achava decentemente ornada, havendo música cantada acompanhada de música instrumental filarmónica [...].”



“Que significará tudo isto?”

Segundo Abranches, em 1882, o maioral é o representante do Santo Apóstolo, os outros quinze ou vinte, são sempre os imperadores do Espírito Santo do ano futuro dos diversos impérios de toda a Vila. Já não só da Ribeira Seca e de Santa Bárbara:

“Perguntar-me-ão sem dúvida os meus leitores. É a pergunta que há pouco eu fazia a muitos moradores antigos daquela Vila, e ao que nenhum me soube responder. Porfiei, e por fim eis o que vim a saber:

- Cristo, redentor nosso, ao enviar o apóstolo São Pedro a pregar o Evangelho, disse-lhe: Vai e prega com prudência. Para que consigas o fim de tua missão, é preciso que primeiro te insinues na amizade dos habitantes das terras que percorreres. Não entres pois a pregar logo que chegues, mas sim diverte-te com eles, e, quando conheças sua amizade, converte-os então. São Pedro obedece-o [sic], e os primeiros com quem travou conhecimento foi com uns ricos que folgavam. Convertidos à fé, o ajudaram, e manobrando juntos se dirigiram aos campos onde o povo se entregava à lavoura das terras; e ao cuidado de seus rebanhos, onde o santo pôde fazer magna colheita de almas para a bem-aventurança. O maioral é o representante do Santo Apóstolo, os outros quinze ou vinte, que são sempre os imperadores do Espírito Santo do ano futuro dos diversos impérios de toda a Vila, os ricos que, iluminados por Deus, se convencem da verdade do Apóstolo, o resto da multidão é a que trabalhando nos campos, foi convertida. **Em tempos não mui remotos, as bandeiras dos impérios acompanhavam o préstito como trofeus de sua vitória, mas leis previdentes a isso obstaram; não obstante, um simulacro das mesmas sempre ali se apresenta.**” (Jornal *Açores*, 29 de Junho de 1956).

Em 1886, de novo *A Estrela Oriental*

“[...] Tiveram lugar, nesta Vila, no dia 27 de Junho último, a festa e procissão do Santíssimo Sacramento na igreja Matriz de Nossa Senhora

da Estrela desta Vila, e no dia 29 a popular festa do Apóstolo S. Pedro da Ribeira Seca, que tanto povo atrai aqui, apesar dos imperadores e mascarada pouco ou nada agradar e divertir à concorrência do povo que foi numerosa, e muito menos aos daqui. **A cavalaria marchava e dava voltas e reviravoltas sem ordem. Uma Cavalhada, Sr. S. Pedro!**”

O Jornal *O Norte*, de 1895: A Folia continua

Num precioso naco de prosa, provavelmente da lavra do Cónego Cristiano de Jesus Borges, um dos maiores jornalistas que a Ribeira Grande conheceu, o jornal ribeiragrândense *O Norte*, de 22 de Junho, refere: “Cavalhadas – A Ribeira Grande vai entrar no seu carnaval. O dia de São João abre um período de quinze dias de cavalhadas, danças, truíces e cenas burlescas. Julgamos ser de bom juízo que a autoridade limite estes divertimentos até ao dia de São Pedro. É costume nos dois domingos seguintes e às vezes ainda depois andarem por estas ruas uns máscaras sem chiste nem graça num monótono ta-ra-tão-tão que enfastia e incomoda. Aparece também algum sujeito de pouca educação e a quem a máscara dá descaro para tudo a fazer referências ofensivas e dirigir ditos que não primam pela decência. À autoridade incumbe vigiar e providenciar para se não darem fastos desta natureza.”

No virar do milénio, as Comédias de São Pedro prolongam a Folia de oitocentos, diz Hermano Teodoro

“Para o caso das Comédias de São Pedro, o seu terreno de inspiração e de partilha é do domínio do puramente humano, por consequência, do profano. Essas encenações de rua, em nosso entender, possuem uma dupla função: a satírica e a lúdica. Do ponto de vista satírico, as Comédias afirmam-se pela crítica, pela chacota e pela denúncia de circunstâncias sociais, tais como rixas; económicas, por exemplo, as relacionadas com o mundo rural; e até mesmo políticas, estas ligadas, com relevância, à gestão concelhia. Do ponto de vista lúdico, é de se

concluir que essas encenações propiciam bons momentos de lazer, de convívio, de riso, de folia, de catarse, de inversão dos papéis sociais; ou seja, revelam-se como um autêntico Carnaval. Os comediantes seguem o cortejo das Cavalhadas, fazendo lembrar, por isso, as burricadas oitocentistas. Em rigor, podemos enquadrar as Comédias de São Pedro nesse momento essencial da Festa que é o Arraial.”

Em 1966, o Dr. José de Medeiros Tavares, pai do jornalista António Valdemar, ao escrever para o *Correio dos Açores*, de 29 de Junho, confirmava, ainda que ténue, a permanência da ligação das Cavalhadas ao Espírito Santo, nestes termos:

“As cavalhadas são resultado de promessas religiosas feitas durante o ano e nela tomam parte os penitentes e ainda os que têm a 1ª domingo do Espírito Santo, gente da freguesia e arredores.”

Hermano Ataíde Motta, em entrevista concedida a Rejane Salvi, inclusa no livro intitulado *Panorama Açoriano*, dizia que: “durante as Cavalhadas, que têm lugar dentro do período das festas do Espírito Santo, os Cavaleiros visitam, em todas as freguesias, as casas dos Despenseiros ou Imperadores que têm uma das cinco Domingas, recebendo destes um lanche.”

Fernando Maré, antigo Rei das Cavalhadas, em 2000

Ainda que de um modo muito leve e muito diluída, no século XXI, ainda se mantém uma certa primazia dos mordomos do Espírito Santo.

Nas várias conversas que temos tido com o Senhor Fernando Maré, anterior Rei das Cavalhadas, irmão do actual e organizador das mesmas, quando, durante a recolha que efectuámos há alguns anos atrás para uma entrevista concedida ao jornal *Expresso das Nove* (28-06-96), lhe inquirimos acerca da ligação das Cavalhadas ao Espírito Santo; após uma longa pausa e uma primeira reacção de incredulidade, referiu: “É verdade. Ainda hoje, apesar de a maioria não o ser, os Mordomos têm a

primazia nas Cavalhadas. Antes de quaisquer outros, eles têm o direito de desfilar nas Cavalhadas.”

No final do século XX, os estudiosos tornam a associar as Cavalhadas ao Culto do Divino Espírito Santo

“[...] As Cavalhadas que consistem num cortejo sério – cómico, no qual participavam o rei (outrora mascarado), lanceiros, cavaleiros, dispenseiros e corneteiros, devem estar ligadas às festas do Espírito Santo, quer porque, primitivamente, nelas participavam, como cavaleiros, os Imperadores eleitos para o ano seguinte, quer porque o núcleo da festa, sete voltas a cavalo, em redor da Igreja de São Pedro, parece simbolizar os sete *dons* do Espírito Santo. Assinale-se; ainda que, antigamente,



as bandeiras dos *Impérios* acompanhavam o cortejo. As Cavalhadas consistem hoje num luzido cortejo de homens a cavalo, chefiados por um *rei*, que, entre o repique festivo dos sinos, saúda o Apóstolo diante da porta principal da Igreja de São Pedro, obrigando o cavalo a colocar as patas dianteiras nos degraus da porta da referida Igreja. Depois o cortejo a cavalo dá *sete voltas* à roda do templo, seguindo festivamente pelas ruas da cidade. No regresso, dá *cinco voltas* de despedida em torno da igreja. Para além do simbolismo do *sete* [...] e do *cinco* [...], este cortejo de encerramento do ciclo do Espírito Santo, contém um outro simbolismo: São Pedro é o primeiro dos *Apóstolos* sobre o qual se exerce a iluminação do fogo do Paraclete”. (Manuel Breda Simões, Cavalhadas, in *Roteiro Léxico do Culto e Festas do Espírito Santo Nos Açores*, 1987).

Qual a origem das Cavalhadas? Sem documentos, tudo o que se diga não passa de hipóteses

Creio que estabelecemos claramente laços estreitos e inequívocos entre as Cavalhadas e as Festas do Espírito Santo. Mais não sabemos. Será esta, com as fontes que possuímos, a posição cientificamente mais correcta. Francisco Carreiro da Costa, a este respeito escrevia, em 1965, que: “Assim às teses emitidas de que as Cavalhadas de São Pedro, da Ribeira Grande, ou têm raízes bíblicas, ou provêm dos antigos jogos cavaleirosos ou constituem reminiscências do velho teatro popular, temos vindo carrear algumas achegas com vista à resolução do intrincado problema,

considerando as mesmas Cavalhadas como festas de estação, em face do significado das *alâmpadas* e aproximando o carácter e a intenção do cortejo dos conhecidos *Círios* da Estremadura Portuguesa.

Apesar de tudo, porém, o problema continua de pé, por carência de documentos e de elementos iconográficos [...].”



No dia em que o Papa João Paulo II veio a São Miguel.

Que são Alâmpadas?

Em 1961, na sua tese de Licenciatura, o Dr. João Gil Tavares da Ponte, filho da terra, a quem muito ela deve, descreve-as do seguinte modo:

“Desde longa data que nos pontos altos e de melhor vista da igreja de S. Pedro, como sejam os capiteis das colunas, se suspende no dia de sua festa uns conjuntos de frutos e flores constituídos de pêros, pêras, uvas, bananas, figos, ameixas, milho novo, pepinos e um ananás, intercalados de hortênsias azuis e bordões de S. José. Cada agrupamento de aspecto alongado, atingindo meio metro, é rematado em baixo pelo ananás e designado de *lampa* ou *alâmpada*. Tais cachos em forma de pinha, são

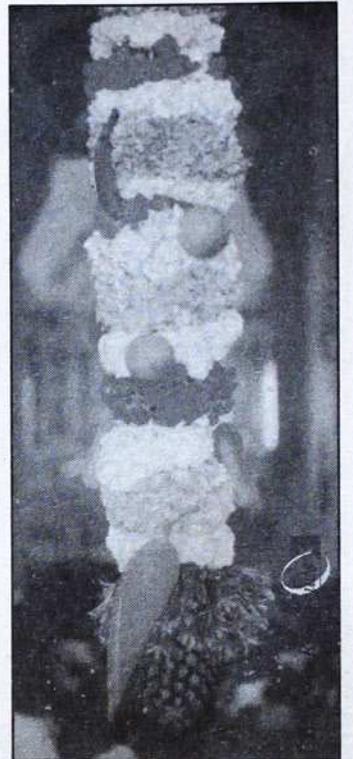
autênticas primícias, pois neles são colocados os primeiros frutos da estação [...]. São em número de doze e lançam em todo o templo um suave e doce perfume emanado da fruta e flores. Após a festa religiosa, as *lampas* são retiradas de seus lugares e transportadas em carro de bois enfeitado, e distribuídas pelo celebrante, pregador, mestre de capela, e outras individualidades.” (João Gil Tavares da Ponte, *Cavalhadas de S. Pedro*, 1961).

O Dr. Francisco Carreiro da Costa: Significado das Alâmpadas. Hipótese

“[...] a presença de tais *alâmpadas* não propriamente

no ciclo das festas de São Pedro mas nas de S. João, é coisa bastante antiga e conhecida, como o demonstrou oportunamente a ilustre romanista D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. Ao estudar, no vol. XI, da *Revista Lusitana*, o vocábulo *Lampo-Lampa*, aquela senhora, depois de acentuar que o referido S. João é o ‘Santo das Luminárias por excelência’ acrescenta que, na Idade Média, chamava-se-lhe o *São João das Lampas*, abreviatura sincopada de *Lâmpadas*, - *Santo Johanae Lampadarum*, em latim bárbaro. ‘As *Lâmpadas*, que deram apôdo ao Santo e a forma arcaica de

Lampa, eram de azeite, cera ou sebo, e chegou até nós o seu uso.’ Nesse mesmo estudo, e segundo Luís Chaves, a grande romanista suspeitou que os ‘figos lampos’ e as ‘penas lampas’ [?], frutos oferecidos ou festejados em dia de S. João, como primícias do ano fossem enfeitados com lâmpadzinhas, pelo menos primitivamente. Até mesmo estes ramos de frutos novos eram envolvidos de intenções amorosas, pois que os namorados enramalhavam com eles as janelas das raparigas, seus derriços.” (A respeito das *Alâmpadas de S. Pedro*, Francisco Carreiro da Costa, s.d.).



Alvorada, promessas e Embaixada a São Pedro

“Na manhã deste dia [29], antes de nascer o sol, do alto da torre da igreja, ouve-se o som finíssimo e delicado de um clarim – toque de alvorada – que assinala o nascimento do grande dia, esperado sempre com viva ansiedade e gosto por parte dos habitantes daquela terra e doutras, pois o número de forasteiros atraídos é imenso. Nessa mesma altura certas pessoas como agradecimento ao Santo por alguma graça alcançada, dão sete voltas ao templo, a pé, ou a cavalo. Pelo que diz o povo, são em número de sete, porque São Pedro como

Apóstolo recebeu o Espírito Santo com seus dons que também são sete. É também costume, algum tempo antes do início da festa litúrgica que tem lugar ao meio dia, alguns indivíduos montados a cavalo, de capa, chapéu de abas largas e por vezes fitas adornando, onde predomina o vermelho, recitam em frente à porta principal da igreja, versos de saudação ao Santo [...] Isto é conhecido como ‘Embaixada a São Pedro’.” (João Gil Tavares da Ponte, *Cavalhadas de S. Pedro*, 1961).



Eduardo Maré, actual Rei das Cavalhadas, recitando versos no Jardim Municipal

As Cavalhadas, o Feriado Municipal e a Identidade ribeiragrandense

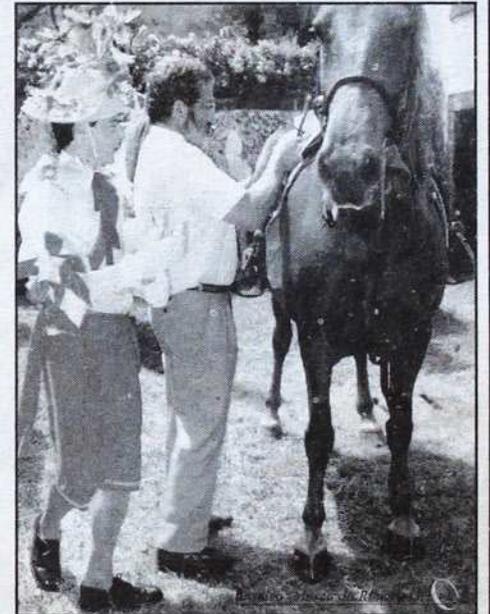
De acordo com a obra *Ribeira Grande de ontem até hoje (Colectânea documental)*, de Armindo Moreira da Silva, a páginas 77, o Feriado Municipal terá sido instituído, como se lê numa acta de Vereação do início da I República, com base no disposto no Art.º 2.º de Decreto do dia 12 de Outubro de 1910, que diz: “as municipalidades poderão, dentro dos respectivos concelhos, considerar feriado um dia por ano, escolhendo-o de entre os que representam as festas tradicionais e características do município”. Na acta da dita Vereação, de 26 de Novembro de 1910 consta o seguinte: “[...] A Comissão resolveu considerar feriado neste concelho o dia 29 de Junho.” O *Correio do Norte*, jornal ribeiragrandense, do dia 6 de Julho de 1912, propõe à autarquia a nomeação de uma Comissão de Festas. O mesmo jornal, no número seguinte, acrescenta que a referida Comissão de Festas deveria ser composta por “elementos da classe comercial, pois que são estes inegavelmente que mais se empenharão pelo esplendor das cavalhadas.” Entretanto, tendo em conta ainda a obra de Armindo Moreira da Silva, talvez como consequência da Lei n.º 2:029, de 5 e Junho, de 1948, na qual se pretende cingir as Festas às verdadeiramente tradicionais e características, foram abolidas ou suspensas as Festas do Município. Porém, são, após pedido da autarquia de 27 de Maio de 1953, de novo reinstaladas, em Fevereiro de 1956. No jornal *Açoriano Oriental*, de 6 de Junho de 1963, Manuel Ferreira, em artigo de primeira página intitulado *Um apelo à Vila-Cidade: É necessário acarinharmos e defendermos as nossas melhores tradições. As Cavalhadas de S. Pedro*, e num outro de 20 de Julho, *Enquanto a música não toca: O apelo à Vila-Cidade*, propõe que as Festas do Município sigam o exemplo, entre outros, da Câmara Municipal do Seixal, transformando-as num verdadeiro cartaz turístico. Deveriam aproveitar a ocasião para

mostrar o que melhor existe no concelho. A Câmara, pela pena do seu Vice-Presidente, o Senhor Ventura Rodrigues Pereira, no *Açoriano Oriental*, de 17 de Agosto, aceita o alvitre. Dois anos após, Manuel Ferreira, no *Açoriano Oriental*, de 3 de Julho, na página 6, comenta nos seguintes termos as festas: “Um impressionante documentário das actividades económicas da Vila Cidade.” O alvitre, felizmente, não tinha caído em saco roto. As Festas do Município, através da acção conjugada da autarquia e do *Círculo de Amigos da Ribeira Grande*, atingiram uma projecção inaudita. Em 1968, constam do *Calendário Turístico Nacional de Festas, Feiras, Romarias e outros Acontecimentos*, da autoria do Comissariado do Turismo, Repartição de Fomento. Em Junho de 1989, a Assembleia Municipal aprovou o Regulamento das Cavalhadas.

As Cavalhadas como bandeira para uma identidade de lugar

As Cavalhadas são tanto mais fascinantes quanto misteriosas. É o mistério que lhes confere todo o seu encanto.

O princípio das coisas é sempre algo que nos fascina. Uma das questões que hoje se coloca é a de saber quando tiveram início as Cavalhadas de São Pedro, todavia, há pouca informação concreta sobre as suas origens. Esta é uma pergunta típica do historiador, enquanto o etnólogo pergunta: “Mas por que é que há-de ser necessário recuarmos aos Afonsinhos?” Penso que as primeiras perguntas, sendo obsessivamente



Os prémios

recorrentes, sobretudo se não existem novas provas, poderão fazer esquecer uma abordagem de conjunto. As Cavalhadas fazem parte da identidade da Ribeira Grande de hoje, o que não quer dizer que tenham feito antes. Mas, actualmente, isso é palpável, fundamental e respirável. Começaram por ser apropriadas por determinados grupos sociais, o povo, conforme as narrativas oitocentistas o atestam, sendo, mais tarde, em princípios do século seguinte, a fim de se instaurar o Feriado Municipal, apropriadas pela elite dirigente. Quase todos os cartazes da Ribeira Grande nos últimos anos, incluem as Cavalhadas. Os factores de identidade são sempre distintivos. Não interessa se existe ou não em outros concelhos. O que interessa é que haja o convencimento de que somos diferentes. Actualmente são uma coisa, o que foram antes de 1856, não sabemos. Este é o domínio fascinante do mistério. Só uma equipa multidisciplinar, constituída por antropólogos, sociólogos e historiadores, entre outros, poderá aprofundar cabalmente o fenómeno Cavalhadas de São Pedro.



**Patrocínio da
Câmara Municipal
da Ribeira Grande**

